

Fernando Molica

Kassab no seu lugar favorito

Ao filiar o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, ao seu (o possessivo aqui é literal) PSD e postar foto de ambos ao lado de dois outros presidenciáveis do partido, Gilberto Kassab caminhou para o lugar em que se sente mais confortável, o de fiel da balança.

Secretário de governo e Relações Institucionais do governo Tarcísio de Freitas (São Paulo), Kassab mantém três ministros na Esplanada dos Ministérios lulista, Pesca, Agricultura e Minas e Energia. Os nomes das pastas chegam a ser simbólicos: o presidente do PSD é muito bom nas artes de pescar, plantar e minerar.

Ao anunciar nas redes sociais que os três pré-candidatos — além de Caiado, Eduardo Leite (RS) e Ratinho Junior (PR) — “passam a trabalhar juntos no PSD na busca de uma candidatura a presidente da República que traga um projeto para o futuro do nosso País”, Kassab deixa tudo em aberto.

Como uma loja de departamentos, oferece várias opções: há o antipetismo atávico do radical Caiado, a moderação de Leite e a quadratura do círculo representada por Ratinho, que tenta encarnar o impossível bolsonarismo moderado. Tem mais: a frase publicada na noite de terça não banca que um dos três será candidato.

Ele falou em “busca de candidatura”, não em candidatura própria. Vai que, numa esquina dessas, em meio às buscas, eles encontrem o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), ou Tarcísio, ou mesmo Lula.

Tudo é possível para o dono de um partido que, como ele mesmo declarou tempos atrás, não é de direita, de esquerda ou de centro.

O descompromisso com qualquer projeto ideológico ou de governo, transforma Kassab na tal metamorfose ambulante citada por Lula. A amplitude de suas opções permite que ele justifique apoio a qualquer

projeto presidencial; traça o que chegar melhor. Tudo vai depender dos interesses de seus próprios interesses e dos manifestados por seus companheiros de partido.

De certa forma, Kassab personifica o que nos acostumamos a ver no MDB, este pioneiro que abriu caminhos para a proliferação da geleia geral da política brasileira — a “anguarda do atraso”, para citar a definição de José Sarney feita pelo ex-ministro Fernando Lyra.

Mas o velho partido nascido para fazer oposição à ditadura tem a diversidade como princípio, o que inclui um respeito quase absoluto a decisões de diretórios regionais. Kassab incorpora essas divergências em si, o que facilita sua vida e dificulta a dos eventuais aliados.

Ele não esconde essa característica. Em abril de 2016, deixou o ministério de Dilma Rousseff às vésperas da votação do impeachment da presidente na Câmara — seu partido votou majoritariamente contra ela. Menos de um mês depois, virou ministro de Michel Temer.

Tudo passa, tudo sempre passará, como diriam Nelson Motta e Lulu Santos; “Eles passarão... / Eu passarinho!”, cravou Mário Quintana. Ou, parafraseando Ibrahim Sued, os cães ladram, a caravana de Kassab passa.

Ao levar Caiado para seu time e sinalizar que o PSD terá candidato, Kassab abre caminho para infinitas conversas. Em tese, Lula poderia demitir os três ministros do partido, mas é improvável que o faça; pelo menos, até abril, quando candidatos a cargos eletivos terão que deixar o governo. Tarcísio também deverá deixar tudo como está.

Nem Jair Bolsonaro, que nunca engoliu Kassab, deve querer comprar briga com um eventual aliado, ainda que num segundo turno. Como diriam crupiês daquele cassino do famoso resort paranaense, façam o jogo, senhoras e senhores.

Tales Faria

Motta deixa CPI do Banco Master “para depois”

Era grande a expectativa da imprensa sobre a reunião dos líderes partidários com o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), nesta quarta-feira, 28, para definir a pauta de votações do plenário.

O resultado foi aquém das expectativas: não há tempo para votar muitos projetos de agora até o Carnaval, e nem entre o Carnaval e o início do recesso de meio de ano. Depois vêm as eleições e o ano acaba.

Muito comentada na imprensa, a ideia de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre o Banco Master parece que não empolgou os líderes, nem o presidente da Câmara.

Perguntado sobre se Hugo Motta marcou data para a CPI ou comentou sua realização, o líder do PT, Lindbergh Farias (RJ), respondeu evasivamente que “ele não sinalizou nada, ficou de conversar depois”.

A CPI é vista pelos políticos como uma espécie de “Caixa de Pandora” da mitologia grega. Primeira mulher criada por Zeus para punir a humanidade, Pandora, ao abrir por curiosidade um jarro (ou caixa) proibido, liberou doenças, guerra e inveja, males que os humanos não conheciam até então.

Essa expectativa de risco que a CPI traz está fazendo com que ela seja também chamada de “CPI do Fim do mundo”, mesmo apelido dado à comissão criada em 2006 para investigar a relação entre um bicheiro ligado à nata oposicionista, chamado Carlos Cachoeira, e Waldomiro Diniz, o então assessor do ex-ministro da Casa Civil José Dirceu, que lidava com loterias. A CPI perdeu o foco e acabaram surgindo denúncias para todos os lados.

Resultou na demissão do então ministro da Fazenda, Antonio Palocci (PT), e, depois, na

cassação do senador Demóstenes Torres (DEM-GO), entre quase 50 nomes de praticamente todos os partidos atingidos.

O apelido também serviu a outras CPIs que, por envolver muitas figuras proeminentes, acabaram não dando em nada. Foi o caso da CPI da Manipulação do Futebol iniciada em 18 de maio de 2023 e que terminou em 06 de setembro num dia de bate-boca e sem votar o relatório final.

A CPI do Banco Master navega em águas turvas semelhantes. Também pode acabar sendo chamada de CPI do Fim do Mundo por envolver figuras proeminentes de todos os lados. E como as CPIs do Fim do Mundo anteriores, pode resultar em cassações para todos os lados, ou em acordos e confusões que levam a dar em nada.

Já foram alcançadas assinaturas para a abertura de três Comissões Parlamentares de Inquérito sobre o Banco Master no Congresso, uma na Câmara dos Deputados, encabeçada pelo deputado Rodrigo Rollemberg (PSB-DF), outra, no Senado, articulada pelo senador Eduardo Girão (Novo-CE), e outra ainda reunindo deputados e senadores — chamada CPI Mista, ou CPMI — com os apoios juntados pelo deputado Carlos Jordy (PL-RJ).

Mas, assim com Hugo Motta, o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), também não pensa em apressar a CPI na Casa. O centrão não está interessado. Segundo o senador Eduardo Girão, a abertura da CPI depende só da decisão de Alcolumbre, mas ele não teria se sensibilizado.

Afinal, o Master tem tudo para se transformar numa verdadeira caixa de Pandora carregada pelas mãos do dono do banco, Daniel Vorcaro. Ele circulou pelas altas rodas de todas as legendas.

Leonardo Boff*

Fascismo versus democracia no Brasil e no mundo

Inegavelmente verifica-se um crescendo no mundo e também no Brasil de comportamentos políticos autoritários, da direita clássica e da extrem-direita com claros sinais de fascismo. O ícone desta ascensão autoritária e fascistóide é sem dúvida o Presidente estadounidense Donald Trump, com seu ufanismo MAGA (Make America Great Again). Segue métodos violentos como se viu em seu apoio à guerra genocida de Netanyahu contra os palestinos da Faixa de Gaza, os bombardeios sobre o Iêmen e o ataque à Venezuela com o sequestro do presidente Maduro e de sua esposa, pondo o país sob administração norte-americana, como se fosse um protetorado.

A palavra fascismo foi usada pela primeira vez por Benito Mussolini em 1915 ao criar o grupo “Fasci d’Azione Revolucionaria”. Fascismo se deriva do feixe (fasci) de varas, fortemente amarradas, com um machado preso ao lado. Uma vara pode ser quebrada, um feixe, é quase impossível.

O fascismo nasceu e nasce dentro de um determinado contexto de anomia, desordem social e crise generalizada como vivemos no Brasil no governo de Jair Bolsonaro e um pouco em todas as partes do mundo. É fato que a hegemonia dos Estados Unidos está se esfacelando (mundo unipolar), com o surgimento de outros centros fortes de poder (mundo multipolar). Desaparece o mundo com regras, as certezas estabelecidas se debilitam. Ninguém consegue viver em paz com tal situação.

Cientistas sociais e historiadores como Eric Voegelin (Order and History, 1956; L. Götz, Entstehung der Ordnung 1954; Peter Berger, Rumor de Anjos: a sociedade moderna e redescoberta do sobrenatural, 1973), mostraram que os seres humanos possuem um tendência natural para a ordem. Lá onde se assentam, criam logo uma ordem e o seu habitat. Exemplo claro nos dá o Movimento dos Sem Terra (MST): lá onde ocupam terras, estabelecem, em primeiro lugar, certa ordem, preservar as fontes de água, conservar a floresta em pé, construir um centro comunitário e distribuir lotes para moradia e produção.

Quando desaparece, usa-se comumente a violência para impor a ordem. “O Leviata” de Thomas Hobbes de 1651 (ed. Vozes 2020) elaborou o arcabouço teórico desta necessidade de ordem criada pelo uso da força. Todos os impérios, desde aquele dos romanos até o russo e o atual norte-americano, especialmente sob Trump, não ocultam sua excepcionalidade e se aercam ao Estado descrito por Hobbes, sempre alegando razões de segurança.

O nicho do fascismo, portanto, encontra seu nascedouro nesta desordem. Assim o final da Primeira Guerra Mundial gerou um caos social, especialmente na Alemanha e na Itália. A saída foi a instauração de um sistema autoritário, de dominação que capturou a representação política, mediante um único partido de massa, hierarquicamente organizado, enquadrando todas as instâncias, a política, a economia e a cultura numa única direção. Isso só foi possível mediante um chefe (Führer na Alemanha e o Duce, na Itália) que organizaram um Estado corporativista autoritário e de terror.

Como legitimação simbólica cultuavam-se os mitos nacionais, os heróis do passado e as antigas tradições, geralmente num quadro de grandes liturgias políticas com a inculcação da ideia de uma regeneração nacional. Esta visão foi tão tentadora que capturou, por um curto tempo, o maior filósofo do século XX, Martin Heidegger e feito reitor da Universidade de Friburgo i. B. Especialmente na Alemanha os seguidores de Hitler se investiram da convicção de que a raça alemã branca é “superior” às demais com o direito de submeter e até de eliminar as inferiores.

Nos USA, atualmente, o supremacismo da raça branca encontra nessa visão seu embasamento prático. No Brasil a estratégia do governo de Bolsonaro foi perversa: destruir todo um passado seja na cultura, nas leis sociais e ambientais, seja nos costumes e implantar um regime com nítidos indicadores do pre-illuminismo, inspirados pelo lado escuro do passado.

A palavra fascismo foi usada pela primeira vez por Benito Mussolini em 1915 ao criar o grupo “Fasci d’Azione Revolucionaria”. Fascismo se deriva do feixe (fasci) de varas, fortemente amarradas, com um machado preso ao lado. Uma vara pode ser quebrada, um feixe, é quase impossível.

O fascismo se apresentou como anti-comunista, anti-capitalista, como uma corporação que vai além das classes e cria uma totalidade social cerrada. A vigilância, a violência direta, o terror e o extermínio dos opositores são características do fascismo histórico de Mussolini e de Hitler e entre nós de Pinochet no Chile, de Videla na Argentina e no governo de Figueiredo e Médici no Brasil.

O fascismo nunca desapareceu totalmente, pois sempre há grupos que, movidos pelo arquétipo fundamental da ordem, querem impô-la até com violência. Em nome desta ordem o governo de Bolsonaro fez emergir o lado sombrio de nossa alma brasileira usando a violência simbólica (fake news) e real, defendendo a tortura e torturadores, a homofobia e outras distorções sociais.

O fascismo sempre foi criminal. Criou a Schoah (eliminação de milhões de judeus e outros). Usou a violência como forma de se relacionar com a sociedade, por isso nunca pode nem poderá se consolidar por longo tempo. É a perversão maior da sociabilidade que pertence à essência do ser humano social. No Brasil ganhou uma forma trágica: o governo de Jair Bolsonaro se opôs à vacina contra o Covid-19, estimulou as congregações de pessoas, ridicularizou o uso da máscara e não mostrou qualquer sentido de empatia pelos familiares, pois deixou morrer mais de 300 mil dentre os 716.626 vitimados.

Querendo se perpetuar no poder, Bolsonaro forjou uma organização criminosa com militares de alta patente e outros, tentando dar um golpe de estado com o eventual assassinato das mais altas autoridades a fim de impor sua visão tosca do mundo. Mas foram denunciados, julgados e condenados pelo STF e assim nos livramos de um tempo de trevas e de crimes hediondos.

Nas eleições gerais deste ano de 2026 provavelmente surgirá o fascismo que subsiste. Combate-se este fascismo com mais democracia e com povo na rua. Deve-se enfrentar as razões dos fascistas com a razão sensata e com a coragem de reafirmar os riscos que todos corremos. Deve-se combater duramente quem usa da liberdade para eliminar a liberdade. Devemos unirmo-nos para preservar vidas e a democracia.